

ANO 1 | EDIÇÃO ESPECIAL DIGITAL | NOV. 2024

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PERNAMBUCO

revista de literatura, do livro e da leitura

LEOPOLDO CONRADO NUNES



Fliporto volta a Olinda
e homenageia Raimundo
Carrero e Chico Science

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Olinda não é só para os olhos

Não é a “curva perigosa dos cinquenta” em que os poetas podem derrapar, e nisto até perder a vida. No Brasil, isso costumava acontecer antes dos 30, nos tempos do Romantismo. Mas não significa que os românticos morressem sempre cedo, e os modernos, sempre tarde. A Indesejada das Gentes chegou, por diversas vezes, a trocar a morte em consequência das implacáveis leis da física pelas ainda menos insubornáveis leis da física. Assim aconteceu com o poeta Carlos Pena Filho que, tendo pouco ultrapassado a faixa dos 30, pereceu em *crash*, palavra com um *quê* de ludismo onomatopaico apenas nas HQ.

Foi ele, já prenhe tantas vezes do dismantelo azul que criou muitas expressões memoráveis nos seus versos. Como Fernando Pessoa, um dos seus ídolos. Se há uma música que se gruda na mente e pode ser lembrada até involuntariamente, existe equivalência em poesia. “Olinda é só para os olhos” figura entre esses versos que, uma vez lidos, não saem mais da cabeça.

Mas o verso desse verso, antes que o metaverso devore também Olinda, é que a cidade, além dos olhos, também é para os ouvidos, e os demais sentidos, incluindo o paladar, pois tem bons restaurantes. A Fliporto, que se tornou uma tradição

na cidade por alguns anos, é retomada cinco anos depois de sua última edição. Ressurge como festa mais do que literária. Das artes. Dos olhos, como no verso de Carlos Pena. Mas com vários dias de programação para quem gosta de falar e dizer, ouvir e escutar. Como a conferência inaugural da escritora e jornalista Rosiska Darcy, da Academia Brasileira de Letras. Como o bate-papo com o romancista Raimundo Carrero, um homenageado da Festa. O outro é o compositor e cantor Chico Science.

Chico Science, como Carlos Pena Filho, terminou cessando prematuramente sua obra musical, não por causa da curva perigosa dos 50 já referida, mas na representação concreta de outro poema de Carlos Drummond de Andrade: “Stop. A vida parou ou foi o automóvel?”

A vida de Chico Science continua no coração e no pensamento dos que o admiram. Nas suas canções. Com esta edição especial, a revista **Pernambuco** faz um passeio por algumas das atrações da Festa, que é da Olinda literária e da Olinda das artes. Desde o século XVI de Bento Teixeira aos XX/XXI de Tânia Carneiro Leão.

Mário Hélio | Editor

OUTROS DESTAQUES DA EDIÇÃO

Fliporto retorna à cena em Olinda

A 13ª edição do evento, que será realizada no Mercado Eufrásio Barbosa, em Olinda, abrirá as portas entre 14 e 17 de novembro

5

Viver em um mundo de incertezas

A jornalista e escritora Rosiska Darcy apresenta na Fliporto a conferência “Tempos que correm” e lança novo número da revista da ABL, onde ocupa a cadeira de número 10

10

Carrero, ou a literatura como forma de spirituals

Em seus romances, o *demônio do meio-dia* está sempre solto e atuante, tem na alma o *diabo verde*, e pinta-se de trevas, de todas as cores, porque é humano demasiadamente humano

14

Carrero, o áspero amável

Subterrâneo, sombrio: o cinema que se extrai do universo de Raimundo Carrero, em entrevista com a cineasta Luci Alcântara

20

Os 500 Anos de Camões: o poeta, o ativista, o influenciador

O escritor português João Morgado, autor do romance *O livro do Império*, estará na Fliporto 2024 para falar sobre o autor d’*Os Lusíadas*

24

Lama, cosmo e caos: o legado híbrido de Chico Science

Fusão é a palavra-chave de um grupo que, sob a liderança de Francisco de Assis França, fez procriar uma música que é uma cópula do regional com o global

28

Chico Vulgo

Memória de repórter: Danielle Romani conta como ela e o Recife viram o nascimento de uma estrela chamada Chico Science

32

Uma trupe apaixonada por literatura

Literatrupe: em entrevista, o ator e realizador Carlos Mesquita comenta a relação de seu grupo com a literatura e a Fliporto

37

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governadora
Raquel Teixeira Lyra Lucena

Vice-governadora
Priscila Krause Branco

Secretário de Comunicação
Rodolfo Costa Pinto

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO CEPE

Presidente
João Baltar Freire

Diretora de Produção Gráfica
Eduarda Campello Maia

Diretor Administrativo e Financeiro
Igor Burgos

Superintendente de periódicos e projetos especiais
Mário Hélio Gomes de Lima

Superintendente Editorial
Luiz Arrais

Coordenador de edição e difusão
Marcelo Pereira

Editora-assistente
Débora Nascimento

Editor-assistente de arte e multimídia
João Lin e Karla Tenório

Design e multimídia
Greg e Moacyr Campelo

Reportagem
Carol Botelho, Danielle Romani e Laura Machado

Produção e publicação de conteúdo digital
Tell Aragão

Tratamento de imagens
Carlos Júlio

Revisão
Maria Helena Pôrto e Sílvia Leon

Colunistas
José Castello e Ronaldo Correia de Brito

Produção gráfica
Anderson D. B. S. Negrão, Eliseu Souza, Márcio Roberto, Joséma Firmino e Sôstenes Fernandes

Projeto gráfico
Luiz Arrais e Ricardo Melo

Design da logo
Patrícia Cruz Lima

Superintendente Comercial
Jefferson Marques Pessoa

Gerente de Comunicação e Marketing
Roziane Fernandes

Coordenadora Comercial de Periódicos
Roberta Vila Nova

E-mail: roberta.vila@cepe.com.br
Telefone: (81) 3183.2756



O escritor Antônio Campos, idealizador e curador da Festa Literária Internacional de Pernambuco, Fliporto

Fliporto retorna à cena em Olinda

Após cinco anos, a Fliporto, Festa Literária Internacional de Pernambuco, voltará a reunir leitores, escritores e o mundo literário no Estado. A 13ª edição do evento, que será realizada no Mercado Eufrásio Barbosa, em Olinda, abrirá suas portas entre 14 e 17 de novembro tendo como homenageados o escritor Raimundo Carrero e o músico Chico Science, que há 30 anos lançou o álbum *Da Lama ao Caos*.

“A Fliporto é um patrimônio de Pernambuco, apenas fizemos uma pausa (de 5 anos). Agora, retomamos o projeto com um grande Congresso Literário, um site permanente (lançado em outubro), o Fliporto em Movimento, e faremos no

ano que vem a Fliporto Portugal durante a Aveiro Tech Week, cidade onde tem o Porto Digital Europa, braço do Recife, com quem também dialogaremos, explica o escritor Antônio Campos, que é curador do evento.

“A obra de Chico Science é bastante contemporânea e o seu disco *Da lama ao caos*, que completa 30 anos, é um marco. Chico foi um gênio que nos deixou precocemente, um homem que pensou e criou além do seu tempo”, justifica Campos.

Sobre Carrero, Campos afirmou que a escolha se deveu a sua obra madura e robusta. “Marcada pela densidade psicológica e narrativa profunda, Carrero explorou a alma humana e os dilemas



O escritor Henrique Rodrigues vem à Fliporto falar sobre a importância dos prêmios literários para o país

sociais do Nordeste. Sua trajetória literária, premiada e admirada, será homenageada com uma palestra onde ele falará sobre a importância das festas literárias para a formação de novos autores e sobre a literatura atual. O escritor Raimundo Carrero também comemora a edição da feira e a sua participação. “Essas feiras são fundamentais como espaço para o contato entre os leitores e os livros. São atualmente a forma mais eficaz de difundir e dar acesso ao grande público à literatura.” E agradeceu a homenagem a seu nome. “Achei sensacional a minha indicação, por ter sido feita por uma família que sempre foi ligada à literatura, uma vez que o pai de Antônio é o escritor Maximiano Campos”, disse Carrero.

Programação

Nos seus quatro dias de realização, a Fliporto vai colocar o público em contato não apenas com os livros, mas com palestras e debates que possibilitarão refletir sobre o cenário literário, a crítica, os prêmios e o mercado editorial. A abertura do evento será marcada pelo sarau conduzido pelo Grupo Literatrupe, que fará homenagens não apenas a Chico Science, mas também ao poeta Miró da Muribeca. No mesmo dia, a conferência inaugural será “Os tempos que correm”, que abordará a aceleração do tempo contemporâneo, com a escritora e membro da Academia Brasileira de Letras, Rosiska Darcy, que tem dezenas de livros publicados. Entre eles, *Liberdade* (Rocco/2021), onde aborda temas ligados à atualidade, como o ódio, a intolerância e o autoritarismo, discutindo uma visão fundamentalista de um mundo que brota do medo e da insegurança atual era da incerteza. Durante a conferência, a escritora contará com a mediação de Antônio Campos. Rosiska, na verdade, será participante de dois momentos da Fliporto: após a conferência estará presente ao lançamento da Revista da Academia Brasileira de Letras Tema: Tempos que correm, no Espaço Livraria Oficial.

Importância das Festas

Outro momento especial na abertura da Fliporto será às 17h, com uma conversa com escritor e homenageado da edição, Raimundo Carrero, que falará sobre “A importância das festas literárias para literatura brasileira contemporânea e a formação de novos autores”. O evento contara com mediação do jornalista, escritor e editor das revistas **Continente** e **Pernambuco**, Mário Hélio, e com a participação da cineasta Luci Alcântara. Logo em seguida, encerrando o primeiro dia, haverá uma apresentação musical do DJ Vibra, que fará uma releitura de músicas de Chico Science. A programação literária do segundo dia da Fliporto começa com a conferência “Literatura

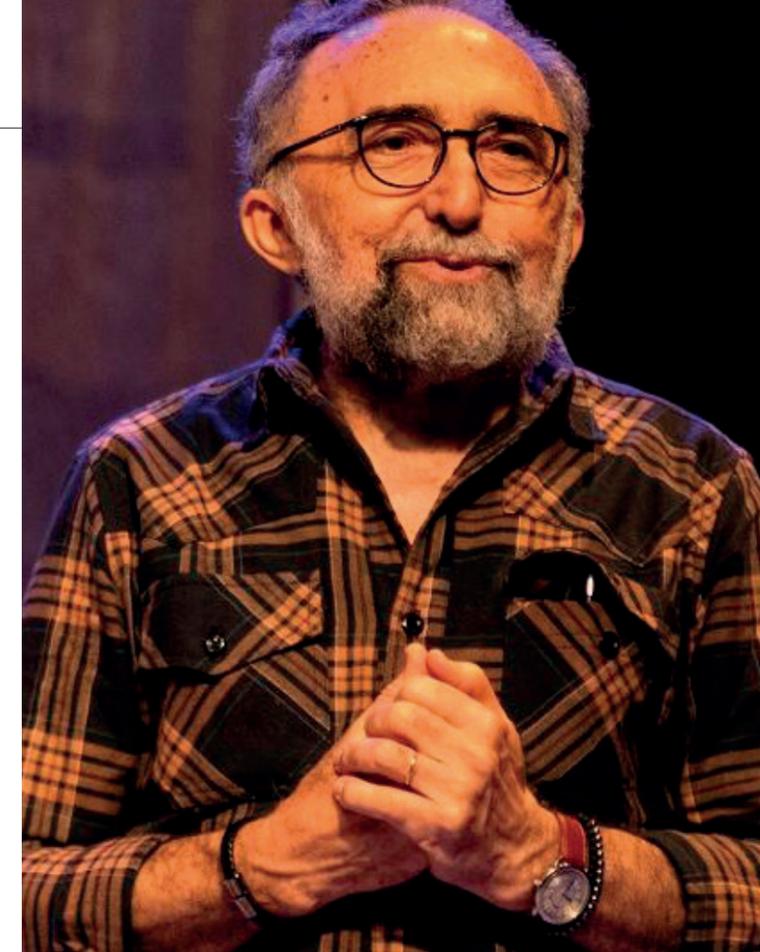
e Inteligência Artificial”, a ser conduzida a partir das 14h30 por Iara Lemos e Pierre Lucena, presidente do Porto Digital. Às 16 horas, Tito Leite, autor do livro *Jenipapo Western*, fará a palestra “No Sertão tudo é por um fio”. Na continuação, às 16h30, haverá o lançamento do livro *Luiz Gonzaga 110 anos de nascimento*, do escritor Paulo Wanderley, que em seguida, fará a palestra “Luiz Gonzaga, o pernambucano do Século”. Encerrando o dia, palestra-show com Jessier Quirino, a partir do seu novo livro *Eu parece que estou vendo*. O evento começa a partir das 19h.

Fim de semana cheio de atrações

Com a chegada do final de semana, a Fliporto abre às 10h, e as atrações redobram. As portas dos eventos serão abertas com a palestra “A Luso Brasilidade Musical”, conduzida pelo escritor Igor Lopes. À tarde, a partir das 14h30, um momento especial. A jornalista Lorena Calábria (autora do livro *Chico Science & Nação Zumbi: Da lama ao caos*), com a colaboração de Goretti França (irmã de Chico Science e DJ da Vibra), conduzirá a conferência “30 anos do movimento Mangue Beat e a importância de Chico Science para a Música Popular Brasileira”. Às 17h, outro destaque: a presença do escritor português João Morgado, que fará uma palestra sobre os 500 Anos do nascimento de Camões. Morgado é autor do romance biográfico *O livro do Império*.

Prêmio Caminhos Literários

No último dia da Fliporto, várias palestras e conferências. Às 10h, Ney Anderson e Jaqueline Fraga falam sobre “A nova crítica literária no Brasil”. Às 14h30, Henrique Rodrigues vai falar sobre a “Importância dos Prêmios Literários”, com a participação de Izabella Cristo, ganhadora da primeira edição do Prêmio Caminhos Literários, parceiro da Fliporto.



Ronaldo Correia de Brito falará sobre seu novo romance, *Rio Sangue*, influências que moldaram a construção do enredo

Paraense radicada em São Paulo, a médica e escritora Izabella Cristo foi vencedora da primeira edição com o romance *Mãezinha*, que trata do drama de uma mãe na UTI com um filho prematuro. “Apresentar esse resultado na Fliporto será uma honra, uma vez que não é só no Sul/Sudeste que há grandes eventos e autores”, afirma Henrique Rodrigues, escritor e curador do Prêmio Caminhos Literários.

Rio Sangue

Ronaldo Correia de Brito, acompanhado pelo escritor Carlos Filho, fará uma das últimas apresentações literárias da feira. Ele conduzirá a palestra “Raízes do Brasil no romance Rio Sangue”. Uma releitura do último livro de Ronaldo, a partir do clássico de Sérgio Buarque de Holanda sobre a formação do Brasil. E para encerrar o ciclo de palestras e

conferências, o próprio escritor e advogado Antônio Campos fará uma abordagem de “Resistir na era das incertezas, um olhar sobre o contemporâneo”, de sua autoria. “O meu tema, ultimamente, tem sido o homem atual, o tempo atual, esse tempo caótico e complexo que vivemos, marcado pela guerra e pela intolerância, tenta buscar compreensões e caminhos. Na era das redes sociais e da hiperconectividade reina a solidão”, afirma Antônio Campos, que fará uma sessão de autógrafos logo após a palestra. O encerramento da Fliporto se dará com a apresentação do Grupo Literatrupe, às 19h, com um sarau poético.

SERVIÇO

13ª Edição da Festa Literária Internacional de Pernambuco (Fliporto)

Quando: De 14 a 17 de novembro

Onde: Mercado Eufrásio Barbosa – Largo do Varadouro S/N- Varadouro – Olinda

Horários: Quinta e sexta-feira, das 14h às 19h; sábado e domingo, das 10 às 19h

Programação completa
O leitor pode acessar as atrações clicando no link a seguir:
fliporto.com.br

Na 13ª edição da Festa Literária Internacional de Pernambuco, a literatura em debate, em todos os seus gêneros, jornalismo e muitas outras linguagens.

Aqui, destaque para a escritora e jornalista Lorena Calábria, (foto acima); o escritor português João Morgado, (foto abaixo) e a escritora Izabella Cristo, vencedora da primeira edição do Prêmio Caminhos Literários, parceiro da Fliporto



FOTO/DIVULGAÇÃO



FOTO/DIVULGAÇÃO



RAQUEL SANTOS/DIVULGAÇÃO

Viver e escrever em um mundo de incertezas

A jornalista e escritora Rosiska Darcy apresenta na Fliporto a conferência “Tempos que correm” e lança novo número da revista da ABL, onde ocupa a cadeira de número 10

DANIELLE ROMANI

LEO AVERSA/DIVULGAÇÃO

Rosiska Darcy de Oliveira é escritora e jornalista, e integra a Academia Brasileira de Letras, desde 2013 (cadeira 10). Ela faz a conferência de abertura da Festa Literária Internacional de Pernambuco – Fliporto, que acontece no Mercado Eufrásio Barbosa, em Olinda, da quinta-feira (14/11) ao domingo (17/11).

Ela falará sobre os “Tempos que correm”, assunto que há anos está no radar da acadêmica, que é ativista do feminismo e participa intensamente do debate da atual conjuntura política e social.

“Estamos vivendo mais que uma mudança de geração, uma mudança de Era. O mundo se tornou irreconhecível e uma dessas características é a aceleração do tempo. As diferentes vidas não cabem nas 24h do dia, transbordam no amanhã”, observa Rosiska. “As diversidades dessas vidas são só uma parte das dimensões que eu vou abordar: a vida privada, o mundo do trabalho, uma vida diferente, que é a vida virtual. Pretendo também abordar alguns aspectos das mudanças tecnológicas, e uma questão sensível e importantíssima: o futuro da democracia”.

Em *Liberdade*, seu mais recente livro (Rocco/2021), ela aborda assuntos entranhados na realidade atual, como o ódio, a intolerância e o autoritarismo. Um mundo que brota do medo e da insegurança. Uma era, portanto, de enorme incerteza.

Revista brasileira

Logo após a conferência na Fliporto, Rosiska lança, na Livraria Jardim, na Fliporto, a nova edição da *Revista Brasileira*, ABL, que dirige e edita. Na revista, destaca-se uma grande homenagem ao casal Jor-

ge e Zélia Amado e ao xilogravurista Jota Borges. A revista, ela explica, é uma das publicações mais importantes feitas pela ABL em prol do incentivo à formação de novos leitores e escritores. Diz Rosiska:

“A ABL sempre teve a preocupação no incentivo da leitura e de novos leitores. Esta é a nossa vocação e a nossa razão de ser. Nós todos que escrevemos (acadêmicos), escrevemos para leitores, queremos ser lidos. A Academia tem um programa de formação de novos leitores. Dou como exemplo importante o trabalho na Universidade das Quebradas, que foi criado pela acadêmica Heloísa Teixeira, uma ação importantíssima para a formação de novos escritores e leitores também. Estamos o tempo todo não só sugerindo livros, mas falando de autores, sobre o que cada um escreve e por que escreve.”

A Universidade das Quebradas foi criada em 2009 no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Faculdade de Letras da UFJR. Funciona como um laboratório de tecnologias sociais, articulando experiências culturais e intelectuais produzidas dentro e fora da academia.

Festa literária

O convite para participar da Fliporto, segundo Rosiska, causou-lhe imensa alegria. Segundo a acadêmica, as feiras e festas literárias são eventos primordiais para aproximar o público dos autores:

“As festas literárias são de fundamental importância porque criam proximidade entre jovens leitores e autores. Isso quebra uma certa desconfiância do mundo intelectual, como se fosse uma torre de marfim, que não é. Sendo uma festa, é um momento de encontro, alegre, inteligente, com

ideias novas, com a possibilidade de desenvolver outras atividades culturais. Não posso imaginar uma melhor maneira de atrair novos leitores e até mesmo novos escritores, do que uma festa como essa, em Olinda.”

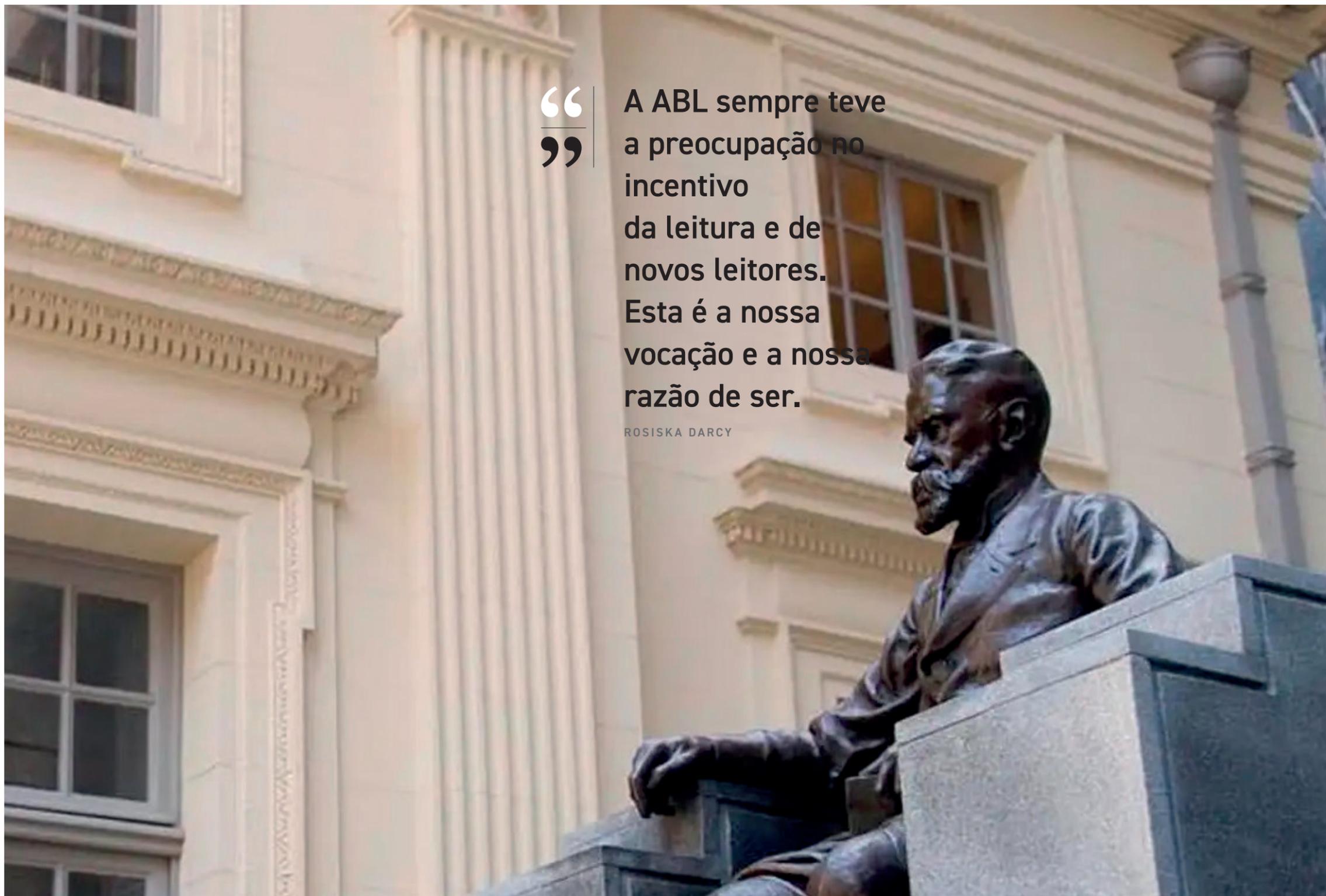
Sobre o atual cenário da literatura brasileira, a acadêmica ressalta que é rico e pujante:

“Acho que está mais vivo do que nunca, porque a diversidade da cultura brasileira nunca tinha sido tão reconhecida. Eu tenho visto várias vertentes que se manifestam na emergência de grupos que falam com voz própria, como mulheres, negros, indígenas, grupos sociais que estão produzindo literatura, contando suas histórias. Talvez por isso estejamos sentindo como uma grande diversidade, que sempre esteve presente, mas que não se manifestava literariamente.”

Isso tudo provoca, segundo ela, a sensação de uma profusão de autores com trabalhos bem-prodidos, com temas e estilos diversificados:

“Eu não quero citar nomes de colegas. Os esquecimentos involuntários sempre são um risco, não quero cometer injustiças. Mas da nova “safra”, cito esses que não são os únicos a ser lembrados, obviamente: Carla Madeira, Jefferson Tenório, Itamar Vieira Júnior e Socorro Acioli. São nomes que chamam muita atenção. Não são exemplos exaustivos, nem significa, tampouco, um critério de hierarquia, ou de qualidade, principalmente.

Estátua de Machado de Assis,
do escultor Humberto Cozzo (1900-1981),
na Academia Brasileira de Letras,
no Rio de Janeiro.

“
”

A ABL sempre teve a preocupação no incentivo da leitura e de novos leitores. Esta é a nossa vocação e a nossa razão de ser.

ROSISKA DARCY

HOMENAGEM

Carrero, ou a literatura como forma de *spirituals*

Em seus romances, o *demônio do meio-dia* está sempre solto e atuante, tem na alma o *diabo verde*, e pinta-se de trevas de todas as cores, porque é humano demasiado humano

MÁRIO HÉLIO



HOMENAGEM

Se o mundo acabasse neste exato momento, como o encontraria de espírito? A pergunta feita pelo jornalista Waldimir Maia Leite, em 1982, foi respondida assim pelo escritor Raimundo Carrero: “Profundamente amargurado”. A sua frase poderia servir de mote para designar desde que o mundo vive em estado de permanente apocalipse, apenas perversamente adiado, até a sua literatura, que, desde o começo, nos anos 1960, vive em estado de *blues*, de *spiritual*.

Sim, há algo mais do que jazzístico na obra narrativa do escritor pernambucano – nascido em Salgueiro, no sertão, e que é um dos homenageados da *Fliporto* (Olinda, 2024).

Antes de se fazer notar como escritor, Raimundo Carrero expressava-se com vigor na música. Quando a literatura chegou se incorporou totalmente nele, como uma possessão que ocupou seu corpo e alma, sem nunca mais deixá-lo, e dando, a partir daí todos os ritmos, tons, compassos, harmonias e desarmonias. Em 27 de novembro de 1999, ele contou isto à jornalista Letícia Lins, para *O Globo*:

“A música foi fundamental na minha formação cultural. Minha primeira manifestação no mundo foi tocando requinta. Em uma banda na cidade sertaneja de Salgueiro, com apenas oito anos. Acho que essa experiência seria fundamental na formação de qualquer pessoa, e principalmente de um artista. Mas o que não entendo até hoje é que aos 20 houve uma ruptura muito forte. Literalmente esqueci a música, coloquei-a no meu inconsciente. Comprei até um saxofone, tentei tocar depois, mas não acertei mais... Quando escrevo romance, o faço de acordo com os ritmos. É como se eu estivesse escrevendo uma partitura, uma melodia. A composição literária atende a uma necessidade do ouvido e da pulsação. Mas também me preocupa a visão de divindade”.

Portanto, na existência ele é escritor; na essência, é músico, e “com todo o direito a sê-lo”, como



HOMENAGEM

no cântico negro de José Régio, e usando da mesma ênfase expressiva e romântica, mesmo nas inovações e experimentos que o fazem um narrador mais de estruturação que de mera narração de cousas e lousas.

Ao fazer uma espécie de balanço às avessas dos novos livros que estão vindos na literatura do Nordeste (artigo “O Nordeste e a nova cultura”, 26-1-69, *Diário de Pernambuco*), o sociólogo Pessoa de Moraes destacava o romance *Furna do cão*, de Raimundo Carrero. Anunciou-se, então, no mesmo jornal, cerca de nove meses depois, que o mesmo autor que o citou prefaciaria a publicação, provavelmente a cargo da editora Leitura. Além disso, Carrero teria em preparo o segundo livro já de sua carreira: *A estalagem do cavalo branco*.

Títulos assim com metáforas animais e sugestivas do mundo espiritual sugeriam um narrador para quem os elementos irracionais integram um pensamento que, na falta de melhor expressão, pode-se usar a do antropólogo Claude Lévi-Strauss: *selvagem*.

O assunto, porém, é mais complexo. Raimundo Carrero é um romancista da cultura, da civilização, daquele mal-estar anunciado por Freud. Por mais que empregue metáforas animais é ao animal humano que se dirige. O “animal moral” que deu título e tema a um quase clássico da psicologia evolutiva assinado por Robert Wright. Num certo momento dessa obra, reporta-se às tensões vividas pelo que se tornou o grande nome do evolucionismo:

“Darwin buscava com energia seu interesse, mas o fazia com tanta suavidade, e o amortilhava em tanta angústia moral, que, desde então, os observadores têm considerado o episódio como mais um exemplo de sua decência sobre-humana”.

A expressão final do parágrafo é excelente para refletir sobre o motor e o *modus operandi* dos personagens de Raimundo Carrero. Decências – e também indecências – sobre-humanas. Prenhes dos

monstros referidos na série famosa de Goya, associados ao “sueño de la razón”.

Muitas vezes associado a autores russos, como Dostoiévski, tem, na verdade, afinidades eletivas Raimundo Carrero com todos aqueles que sentem e tratam de representar as dores do mundo. Menos em termos de Schopenhauer, e mais de romancistas simplesmente como ele, cujo trabalho é problematizar histórias – não salvar o mundo, coisa que, aliás, há mais de um século já o havia dito um outro de alma angelicalmente terrível: Franz Kafka.

Por mais que seja, e o é, construtivista, na construção de suas histórias, Raimundo Carrero não integra a família dos aficionados da arte pela arte. Sente dentro de si, e ao seu redor, aquele abismo dinâmico iluminado por Pascal. Seu tema de sempre: a vida, as paixões. Uma inseparável da outra. Vida orgânica mais do que inorgânica. Paixões inclusive, ou sobretudo, no sentido de páthos. Daí a impossibilidade de categorizá-lo entre aqueles criticados por Gilberto Freyre, em *Heróis e vilões no romance brasileiro*:

“Porque rara é a criação literária que seja puramente, intransigentemente, virginalmente literária. Tem sido este o ideal de uns tantos puristas que se têm torturado buscando ser, em suas criações, virginalmente literários. O caso de Mallarmé é expressivo. O resultado desses afãs de rigoroso purismo literário está em obras a que não faltando valor ou interesse estético ou estilístico, falta expressão de vida, de existência, de vivência, artificializando-se assim, como poemas ou novelas, numas como joias preciosas: preciosas joias verbais, preciosas joias estilísticas. Preciosidades quase só apreciadas por beletristas. De onde os escritores que se requintam, como se requintou Mallarmé, na produção de obras-primas dessa espécie, tornarem-se escritores para escritores. Não alcançam o público. Não o comovem. Não o atraem”

Se a vida é mestra da história, e vice-versa, como querem alguns historiadores, a experiência jornalística pode, por vezes, contagiar positivamente a literatura. O inverso raras vezes dá-se com o mesmo sentido. Há autores como García Márquez e Eduardo Galeano que talvez não existissem como ficaram famosos sem o jornalismo. Teria sido a prática de repórter e editor importante para o escritor Raimundo Carrero? Importante, mas não determinante. Na hipótese de o destino nunca o levar a pisar a redação de um jornal, floresceria sua literatura, de qualquer forma, com muito relevo dado ao ponto de vista e aos personagens cheios de complexos.

Quem mira o fim dos anos sessenta e começo dos setenta encontrará a notícia das pensadas estreias. Mas não foram cães nem cavalos, tampouco furnas e estalagens as primícias, o *avant première*, e sim uma personagem feminina, de nome lírico, quase como uma invenção barroca de Quevedo: Bernarda Soledade.

Se alguém pensa na sequência das *Sementes do sol*, vai ainda sentir os rastos do sertão e a sombra do tigre ou da tigresa. Mas ambas as tramas e, sobretudo, o espírito novelístico, na sua paradoxal exuberância e contenção, mostram algo mais pessoal do autor, não preso aos cânones externos, inclusive os armoriais.

Há uma crueldade melancólica e uma melancolia cruel nesses começos, logo enriquecidas em todas, e cada uma das obras que formaram o *corpus* Raimundo Carrero. Várias delas premiadas. Várias delas adotadas nas escolas. Várias delas vistas como inspiração a leitores desejosos e desejantes de se converter em escritores. Nisto, Carrero cuidou de ofertar o peixe e ensinar a pescar, com suas oficinas de criação literária. Um dos pioneiros disso no Brasil. Na didática possível da representação do sonho e da realidade: a prática da narrativa onde a estética e a ética devem dar as cartas, e promover fórmulas às formas de dizer e contar.

A homenagem da Fliporto a Raimundo Carrero oferece uma oportunidade de um capítulo a mais numa trajetória cujo sucesso entre os leitores não diminuiu a angústia dolorosa e o canto em quem o espiritual é tanto o da fé quanto, principalmente, o da música, ou músicas, da linguagem.



A composição literária atende a uma necessidade de pulsação. Mas também me preocupo com a visão de divindade

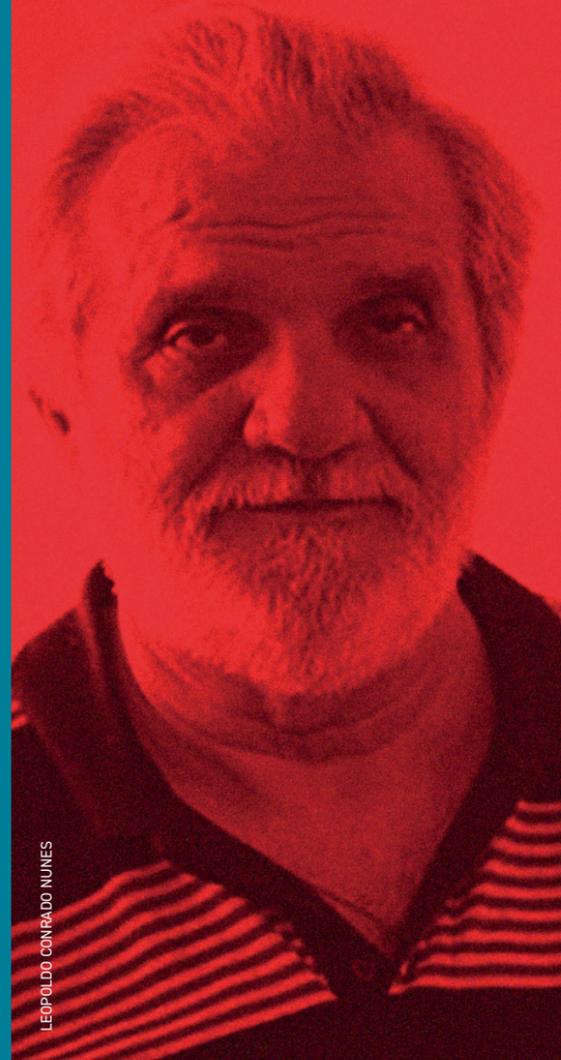
RAIMUNDO CARRERO

ENTREVISTA

Carrero,
o áspero-amável

Subterrâneo, sombrio: o cinema que se extrai do universo de Raimundo Carrero

LUCI ALCÂNTARA



LEOPOLDO CONTRADO NUNES



ED MACHADO

A cineasta Luci Alcântara participa da homenagem a Carrero, que já foi protagonista de filmes que realizou

Há pelo menos 17 anos o diálogo entre a realizadora Luci Alcântara e o escritor Raimundo Carrero tem frutificados em filmes. A conversa começou quando ela se interessou por biografar na tela a chamada Geração 65, de que Carrero é um representante na prosa. Importa pouco se a sua estreia deu-se depois dos principais autores lançados principalmente por César Leal, e em circunstâncias algo distintas de uma certa homogeneidade que terminou por caracterizar os grupos predominantes de poetas. Logo ela se interessou por tentar traduzir na linguagem audiovisual o complexo universo do romancista, ou algo da face visível de uma literatura cuja afinidade com o sombrio e o subterrâneo faz um paralelo paradoxal como se a câmara (no duplo sentido da palavra) pudesse comungar com a luz.

Nesta entrevista, ela revive a feitura de alguns dos seus projetos com Raimundo Carrero e explica o significado que tem para si a sua obra.

é irmã de Deus (Ficção / 20 min / 2009 / Recife – PE), porque ele seria o homenageado da Bienal Internacional do Livro de Pernambuco daquele ano, com lançamento do livro. Pedi a ele que fizesse o argumento para que eu formatasse em roteiro cinematográfico com sequências, para ele construir os diálogos dos personagens, entre os quais o pai de Camila, interpretado por ele próprio. Essa parceria com Carrero rendeu o primeiro tratamento de um roteiro de longa-metragem de ficção, intitulado *Quarteto áspero*, adaptação dos romances: *Maçã agreste* (Ed. José Olympio, 1989), *Somos pedras que se consomem* (Ed. Iluminuras, 1995), *O amor não tem bons sentimentos* (Ed. Iluminuras, 2007) e *A minha alma é irmã de Deus* (Ed. Record, 2009).

Em 2018, fui convidada pelo então diretor-presidente da Companhia Editora de Pernambuco para realizar um filme sobre Carrero, para ser exibido no Festival de inverno de Garanhuns daquele ano, no lançamento da tetralogia *Condenados à vida*, formada pelos romances: *Maçã agreste* (1989), *Somos pedras que se consomem* (1995), *O amor não tem bons sentimentos* (2008) e

Por que o escritor Raimundo Carrero é coisa de cinema e de teatro, além de literatura?

Carrero e sua obra são ambos imagneticamente cinematográficos e teatrais. Em três dos meus filmes, ele já atuou como: depoente/ator, argumentista/corroteirista/produtor/ator, e personagem principal. Em 2007, abordei Carrero como depoente no meu filme *Geração 65, aquela coisa toda* (Doc / 105 min / 2011 / Recife – PE) representando a prosa deste movimento literário pernambucano. Ciente de que Carrero tinha atuado como dramaturgo e ator na montagem teatral homônima do seu romance *O amor não tem bons sentimentos*, pedi a ele para reencenar o personagem Mateus, a fim de filmarmos trechos da peça, e também no intuito de enriquecer a montagem do filme com as cenas que ele criou como teatrólogo.

Em 2009, Carrero me chamou para fazer um filme baseado no seu romance *A minha alma*

“ O título foi criado a partir dos personagens que o próprio Carrero define como ásperos

LUCI ALCÂNTARA



FRAME DO FILME DA CINEASTA LUCI ALCÂNTARA

Tangolomango (2013); reeditada pela Cepe. Título do filme: *Carrero, o Áspero Amável* (Doc / 20 min / 2018 / Recife – PE).

Como foi a ideia que norteou o roteiro e o que a motivou a escolher esse último título posto, que define o escritor com o paradoxo áspero-amável?

Como não sou documentarista/jornalista, mas cineasta realizadora autoral, decidi fazer um “tutorial criativo” da obra de Carrero: no filme, o escritor discorre sobre sua carreira literária, seu método de criação, sua experiência como ator de teatro e de cinema, além de seu trabalho como dramaturgo e roteirista. O título foi criado a partir dos personagens que o próprio Carrero define como ásperos, complementado pela sua amabilidade para comigo nesses tantos anos de parceria. Desde 2019, estou elaborando um projeto de minissérie adaptada de oito romances de Carrero: *Maçã agreste* (1989), *Somos pedras que se consomem* (1995), *O amor não tem bons sentimentos* (2008), *Tangolomango* (2013), *A minha alma é irmã de Deus* (2009), *Ao redor do escorpião... uma tarântula?* (2003), *Sinfonia para vagabundos* (1992) e *Seria uma sombria noite secreta* (2011). A obra audiovisual terá o título de *Os ásperos*. Tanto o filme longa *Quarteto Áspero* quanto a minissérie *Os Ásperos* serão filmados na cidade imaginária de Arcassanta, criada por Carrero.

Dos livros escritos por Raimundo Carrero qual o que mais lhe agrada? Ou o prefere como personagem, sua biografia?

Gosto muito das tetralogias acima mencionadas, sou admiradora da pessoa e fã incondicional do escritor.

Acredita que o teu filme sobre o escritor pode levar as novas gerações a se interessarem pela leitura dos seus livros?

Piamente. Em *Carrero, o áspero amável*, o espectador se conecta com o escritor através de relatos do próprio autor, que revela suas técnicas e inspirações, “cooptando” futuros leitores com seu carisma e suas histórias cativantes e imaginativas.

Há um gosto especial em Luci Alcântara por filmar temas e figuras da literatura ou isto tem a ver mais com as circunstâncias de cada projeto?

Na verdade, foi acaso do destino, iniciado pela longa pesquisa que fiz para realizar *Geração 65*. Logo depois resolvi filmar *JMB, o famigerado*, uma bricolagem lítero-audiovisual com o sujeito Objeto Jomard Muniz de Britto. Anos depois fui convidada para ficcionar *Úrsula* (Ficção / 5 min / 2011 / Recife – PE, adaptado do poema homônimo para o projeto Olhares sobre Lilith, edição imagética do livro *As Filhas de Lilith*, da escritora Cida Pedrosa.



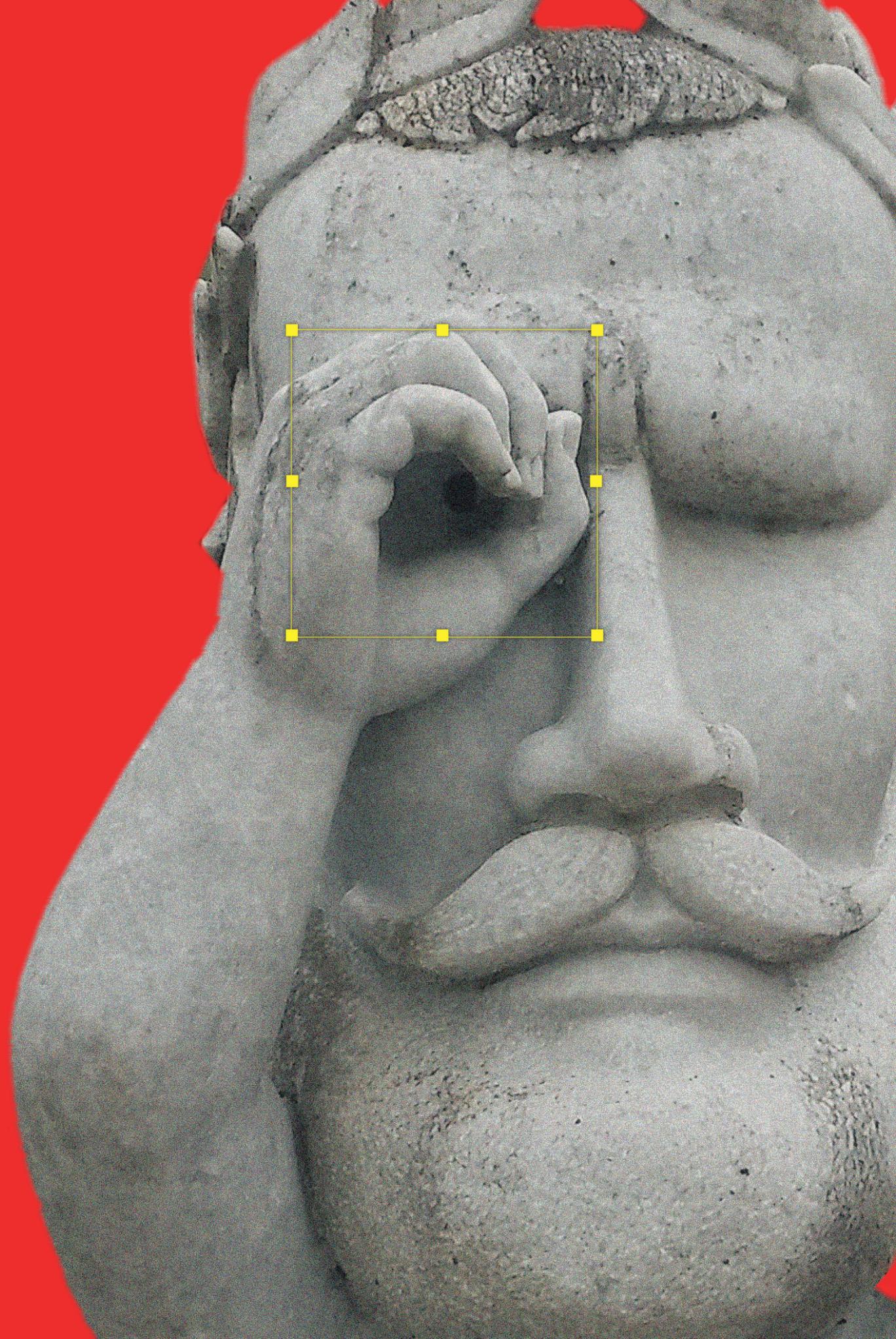
RAMON MUNIZ/JORNAL PASCUNHO

500 anos de Camões:

o poeta, o ativista e influenciador

O escritor português João Morgado, autor do romance *O livro do Império*, estará na Fliporto 2024 para falar sobre o autor d'*Os Lusíadas*

JOÃO MORGADO



Dizemos que o português é a língua de Camões – e com certa razão. Foi ele quem deu alma própria ao idioma, afastando-o dos latinismos e da influência da língua castelhana, harmonizando a grafia e consolidando a identidade de uma língua que hoje é falada por milhões. Dizemos que Camões é o poeta português por excelência – e não sem motivo. Sua emoção lírica é incomparável, como nos versos famosos: “*Erros meus, má fortuna, amor ardente...*”; e sua força épica não tem igual: “*Canto o peito ilustre Lusitano, a quem Neptuno e Marte obedeceram.*”

No entanto, além do poeta, existem dois aspectos menos conhecidos de Camões de que falei durante a minha participação na Fliporto: o Camões que usava a sua arte para conseguir influências e o ativista social e político, um homem que enfrentou na pele as contradições de um império em expansão e que, longe de viver no luxo, encarou as agruras e injustiças de sua época.

O ativista social

Quando chegou às Índias, então parte do Império Português, Camões deparou-se com uma realidade que o incomodou profundamente: um território onde as injustiças eram constantes e evidentes. Ele chegou a escrever para um amigo em Lisboa, dizendo que aquela terra era “*mãe de vilões ruins e madrasta de homens honrados.*” O poeta não hesitava em criticar abertamente a corrupção dos governantes e o desprezo pelos valores cristãos, propalados na época. Em Goa, uma cidade que transbordava de ambição desmedida, surgiu na época um folheto satírico chamado “*Disparates da Índia*”, que ironizava o comportamento devasso dos aristocratas portugueses:

“...Achareis rafeiro velho
Que se quer vender por galgo:
Diz que o dinheiro é fidalgo
Que o sangue todo ele é vermelho...”

Camões, que já era famoso por sua habilidade poética, foi imediatamente apontado como o autor, mesmo que o folheto fosse anônimo. Ele negou a



autoria, mas isso de nada adiantou. Poucos tinham o talento que ele possuía para a sátira, e isso era sabido por todos. O seu espírito revolucionário também era conhecido. Assim, acabou sendo vítima da sua própria fama. Como consequência, Camões enfrentou o desagrado do vice-rei e foi punido com deportação, sendo obrigado a servir como soldado raso na Armada do Sul. Ele embarcou na Nau das Drogas, com destino a Malaca, e mais tarde navegou pelos mares da China, enfrentando o exílio e os perigos do Oriente. Contudo, terá sido por lá que iniciou a escrita d’*Os Lusíadas*” que lhe darão a fama imortal.

O influenciador

Camões não foi apenas um poeta, mas também um influenciador literário e político. Em 1561, quando

retornou a Goa e mais uma vez enfrentava problemas com a justiça, chegou à cidade o novo vice-rei, D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo. Camões, que já o conhecia de Lisboa, apelou para o seu favor num gracioso memorial e foi libertado. Mas o poeta não usava sua escrita apenas em benefício próprio; ele também a utilizava para ajudar os outros. Camões escreveu um poema em honra de Garcia de Orta, solicitando ao vice-rei o apoio necessário para a publicação da obra. Este poema foi incluído no livro como parte do prefácio, e destaca o valor da obra e a importância de sua impressão:

“...vosso favor e ajuda ao grão volume,
Que, impresso à luz saindo,
Dará da Medicina um vivo lume,
E descobri-nos há segredos certos
A todos os antigos encobertos...”

O prestigiado autor português João Morgado vem a Fliporto, dentro das comemorações dos 500 Anos de Camões (1524-1580)

Este prefácio é particularmente relevante, pois representa o primeiro poema de Camões a ser publicado em letra de imprensa, antecedendo a publicação de *Os Lusíadas*, em 1572. O gesto de Camões é visto como uma manifestação de apoio a um amigo e uma prova de sua admiração pelo trabalho científico de Garcia de Orta.

O livro *Colóquios dos simples e drogas da Índia* foi uma obra revolucionária que trouxe novos conhecimentos para a Europa, ajudando a expandir os horizontes científicos e culturais da época. A intervenção de Camões na edição não apenas destaca a conexão entre o poeta e o círculo intelectual de Goa, mas também sublinha o papel de Camões como influenciador e defensor da disseminação do conhecimento.

E “Os Lusíadas” é um livro poético ou político?

É esse lado mais humano e político de Camões – o poeta-ativista, o influenciador e o crítico mordaz, de que falei durante a Fliporto 2024, a grande festa literária de Olinda. Terei a oportunidade de apresentar o meu romance biográfico de Camões, *O livro do Império*. Uma narrativa que nos leva pelos caminhos da criação d’*Os Lusíadas*, que nos revela o homem por trás da obra, aquele que moldou a língua portuguesa e a immortalizou em versos. Mas, trás uma visão sobre como um livro que critica a nobreza tem a aprovação do rei, e criticando a Igreja, tem a aprovação da Santa Inquisição. Disso falei pessoalmente para quem quiser conhecer mais sobre Camões e descobrir o poeta que viveu, sofreu e lutou para deixar um legado eterno.

HOMENAGEM

Lama, cosmo
e caos: o legado
híbrido de
Chico Science

Fusão é a palavra-chave de um grupo que, sob a liderança de Francisco de Assis França, fez procriar uma música que é uma cópula do regional com o global

MÁRIO HÉLIO

Morrem jovens os que os deuses amam. A frase tão antiga quanto a tragédia grega resolveu mover suas rodas em Pernambuco em fevereiro de 1997. Morreu num acidente de carro o compositor e cantor Chico Science. Havia cumprido uma trajetória meteórica, como na expressão-clichê. Talvez caiba colocar o verbo haver, nesse caso, no presente, pois sua obra permanece e continua a atrair as novas gerações. A homenagem que lhe presta a Festa Literária de Pernambuco – Fliporto, em Olinda, novembro de 2024, comprova-o.

Cedo Chico Science definiu para si um cosmos. Urbano. Como se o mangue pudesse cumprir no mundo aquela reivindicação feita por Guimarães Rosa para o sertão: estar em toda parte. Não está. Se coubesse pensar em Cícero Dias tanto quanto em Lasar Segall – que representou o mangue – e associar sua famosa-frase título ao músico de “Da lama ao caos”, quem sabe coubesse inverter a ideia ou, pelo menos, jogar com ela: Eu vi o mundo... ele começava em Nova York, ou Miami.

O termo anglo-saxão – Science – do pseudônimo não suplantam a honestidade do nome-alcunha: Chico. Tal o “velho Chico”, rio da integração nacional, os bites do mangue sampleiam mestiços os ritmos de diversos sítios, embora comecem e findem nos sites e bytes do novo colonizador cujo oxímoro ensina aos seus colonizados a bradar, nos seus termos e linguagens, como se fosse contra si, e a seu favor, ao mesmo tempo: decolonial. O movimento mangue, queira ou não, participa disso. Porém, supera-o, no campo do possível, pois pretende fazer-se música sem fronteira, ou mais do que música, mentalidade, comportamento. Para consumo próprio, e para exportação.



Por mais que em sua canção o cearense Belchior tenha dito lhe cair melhor o tango argentino do que o blues estadunidense, nada foi e continua a ser mais poderoso no âmbito da cultura de massa do que a influência da “outra” América. A mais bem-sucedida e a mais convicta/convencida em penetrar todos os corpos e mentes, por menos propensa ao interracial e ao intercultural no sentido pleno que seja uma cultura, e a maioria no Ocidente ama imitar os Estados Unidos e ser por eles explorado.

Porém, Chico Science e as nações musicais derivadas de jazzes e rocks de todos os diapasões não resultam de meras assimilações. Mesmo sendo formas novas, e disfarçadas, da Antropofagia, são tão mais originais quanto no que copiam, adaptam, plágiam, conseguem apor reinvenções de gêneros, modos e ritmos regionais e alienígenas. Esmeram-se naquilo que alguns antropólogos chamam de conhecimento local. Esta é uma das glórias de Chico Science. Que como alquimista tem a “ciência” – real ou imaginada – do “chico” e do grande. Engradecendo-se por pernambucano filiando-se ao (seu) mundo. Eu é um outro, moderno, moderníssimo, do sempre jovem Rimbaud – admirado ad aeternum por gente como Patti Smith.

Exatamente no ano da morte de Chico Science – 1997 – um músico de nome João Veloso Júnior comentou/indagou:

“A geração coca-cola cresceu, está na faixa dos 30 e pouco se importando com isso! Mas afinal o que é o Rock Nacional? É Chico Science, sem apelação nas letras, nem a alegria dos Mamonas, muito menos a inteligência poética de um Renato Russo, mas com honestidade e identidade?”

Mais do que rock era/é o Manguê. Foi/é mais um exemplo da tentativa de Pernambuco não de falar, mas de influir no mundo, fazer a diferença.

De fato, a repercussão não se limitou às primeiras, segundas e terceiras margens do rio Capibaribe. Alcançou outras latitudes e longitudes. Um exemplo dessa “leitura” de fora é o publicado na Revista de Cultura Brasileira, publicada em Madri, em 1998. As citações são de Hermano Vianna, no artigo “Música no plural: novas identidades brasileiras”:

“Neste artigo, quero só fazer uns rápidos comentários introdutórios (e bem circunscritos, em termos de repertório, quantidade de discos e artistas analisados), sobre os três estilos musicais brasileiros surgidos nos anos 1990: a tonada do boi-bumbá de Parintins, o rap carioca e o Manguebeat do Recife. Cada um deles mantém diferentes relações com as cidades nas quais se criaram, modificando inclusive a própria maneira em que os grupos sociais que vivem nelas pensam suas identidades locais, e imaginam o lugar que ocupam suas culturas urbanas, no âmbito regional, nacional e global. Os três estilos cantam suas cidades a partir de estratégias muito diferentes de “localização” e “globalização”, com menor ou maior importância de cada uma dessas tendências.

“O Manguebeat é o estilo, dos três que serão comentados aqui, que mais invoca o nome do seu lugar de origem, a cidade do Recife, capital do estado nordestino de Pernambuco. Mas não descreve a capital pernambucana em termos paradisíacos, com geralmente aparece Salvador nas letras da chamada Axé Music. O estribilho do Manguebeat, uma espécie de hino dos mangue boys e mangue girls, como se chamam os integrantes deste ‘movimento’, lançado no segundo disco do grupo Chico Science e Nação Zumbi (neste artigo, por uma questão de tempo, vou me limitar à análise dos seus dois discos, certamente os mais representativos do então nascente “movimento” Manguê), diz:

“Andando por entre os becos
Andando em coletivos
Ninguém foge ao cheiro sujo
Da lama da manguetown
Andando por entre os becos
Andando em coletivos
Ninguém foge a vida suja
Dos dias da manguetown”

O Manguebeat, precursor de outros grupos dentro e fora de Pernambuco, teve, sem que a maioria saiba, um precursor, não na música, mas na literatura: o livro *Terrabalada*, do poeta Silvio Roberto de Oliveira. É um longo e rico poema épico subdividido em baladas líricas ou antilíricas. A feição urbaníssima, a outra face da moeda em que está o *Modo Nordeste*, do mesmo autor.

É, certamente, um “modo nordeste” também o que se encontra no Manguebeat. Algo que bem poderia apontar uma nova variedade de artigos, livros, dissertações e teses sobre o “movimento”.

Francisco de Assis França (o nome de batismo de Chico Science) fez uma música bem pouco “franciscana”. Pelo contrário. Tudo nela é exuberância. Gordura e açúcar, carbonos de sua energia e vibração vitaminada. A hibridização de que é um dos grandes exemplos na cultura brasileira dos anos 1990 agrega-se, adensa-se em múltiplas camadas. Tão barrocas quanto pode a assimilação carnalizada e antropofágica. De que continua a nutrir-se cada rincão – especialmente os sítios urbanos. Do Brasil profundo de muitas tensões superficiais, como a água da modernidade, líquida sempre, é claro.

Quem imaginaria que os Zumbis e outros afrodescendentes fossem tão bem assimilados nas

periferias urbanas do fim do século XX, e as periferias passassem a fazer parte dos ativos do capitalismo global? Qualquer um poderia imaginar. Sem precisar ler muito Adorno e suas teorias – algumas apocalípticas – sobre a cultura chamada de massa, indústria cultural e outros nomes.

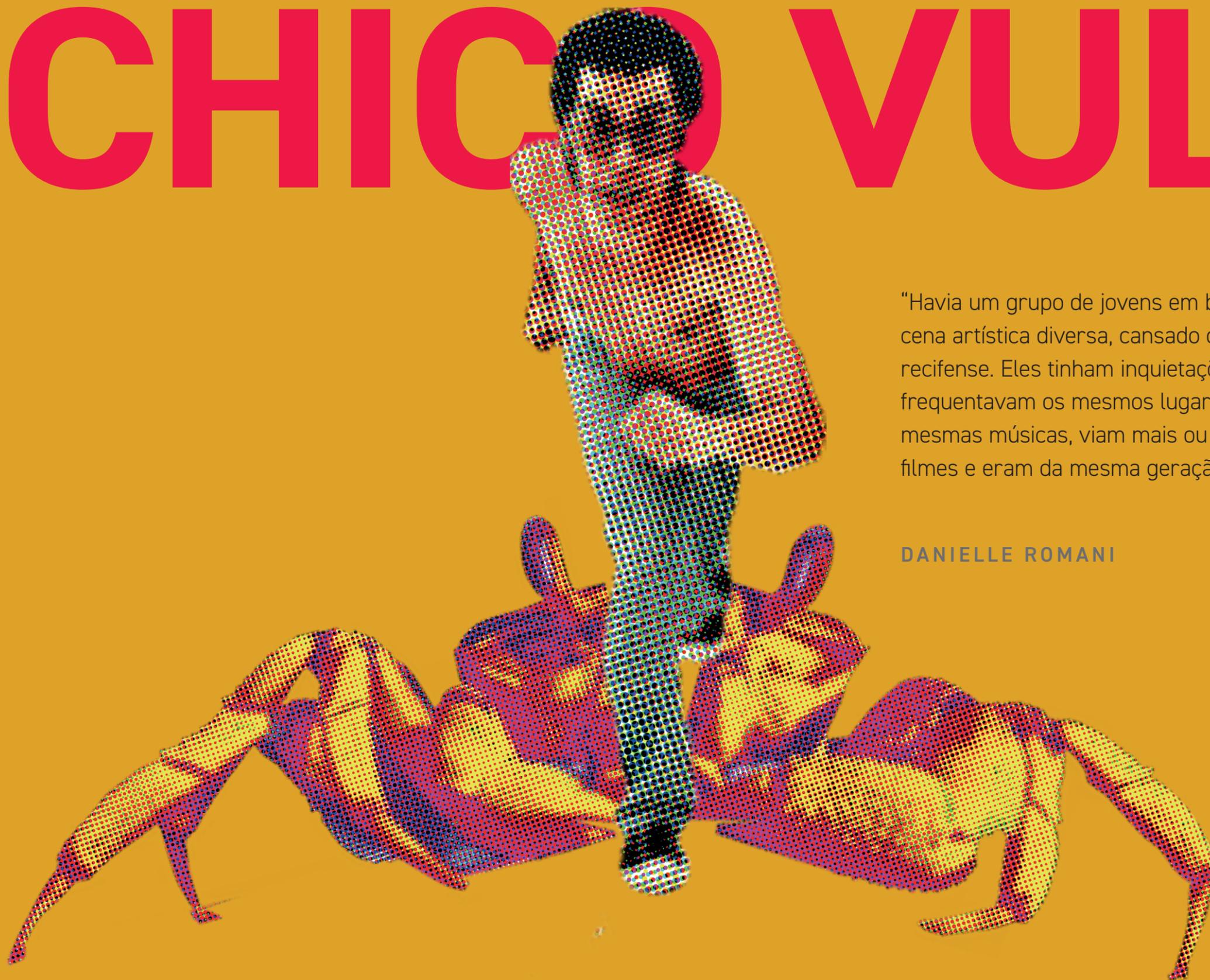
Não há sucessos nem ondas espontâneas quanto se trata do que move o mundo da música, do cinema, da literatura etc. As tendências podem ser construídas. O êxito do Manguebeat é tanto fruto do talento dos seus inventores e intérpretes quanto dos que planejam os ganhos do capitalismo global sob a versão das cifras e dos cifrões musicais.

Os executivos das grandes gravadoras precisavam, previam e preparavam os “acontecimentos” de meados da década de 1990, já um tanto cansados das repetições do axé-music e do brega-sertanejo. O admirável mundo novo do mangue podia não ser tão admirável nem tão novo, mas soava assim, não como música incidental, mas necessária e desejável no contexto. Do mundo e da província.

Prosa do mundo é expressão que dá título a um livro de Merleau-Ponty. A essa prosa, se cabe associar uma poética das composições das músicas urbanas, o Manguebeat estará nela ou fará dela um instrumento. Mais do que musical. De engenharia sociocultural. De economia. Leitura obrigatória para isso é o livro de Frédéric Martel, que foi, há alguns anos, um dos palestrantes na Flipporto, e no evento lançou o seu livro *Cultura mainstream* – como nascem os fenômenos de massa. Ele trata de explicar, nas mais de 400 páginas do seu livro, “a incrível máquina americana de fabricar imagens e sonhos, a máquina do entertainment, a cultura que se converte em mainstream” Chico Science e seus fãs fazem parte disso.



CHICCO VULGO



“Havia um grupo de jovens em busca de uma cena artística diversa, cansado com a estagnação recifense. Eles tinham inquietações semelhantes, frequentavam os mesmos lugares, ouviam as mesmas músicas, viam mais ou menos os mesmos filmes e eram da mesma geração”

DANIELLE ROMANI

DEPOIMENTO

Em março de 1992, como repórter de cultura do *Jornal do Commercio*, propus uma série de matérias sobre a noite underground recifense. Bandas de rock, grupos de funk, hip hop, grafiteiros fizeram parte, durante vários finais de semana, da minha peregrinação noturna por Olinda, Recife e Jaboatão.

Em junho, recebi um convite para assistir a um certo Chico Vulgo num barzinho no Sítio Histórico de Olinda. Sem botar muita fé, fui ao show, num sábado à noite. E fiquei perplexa com o que vi. O dia já tinha nascido e eu não queria que aquilo acabasse. Era algo diferente, original, perturbadoramente forte e bom. Na hora pensei em fazer uma matéria, mas me desencontrei do vocalista e não consegui o acesso à banda. Deixei de lado, porque semanas depois deixaria o Recife. Até hoje lamento a oportunidade – perdida – de ser a primeira a entrevistar e divulgar Chico Science.

Os também jornalistas José Teles e Marcelo Pereira (hoje coordenador de edição e difusão das revistas **Pernambuco** e **Continente**) não perderam a chance. Foram os primeiros a entrevistar Francisco de Assis França, o criador da banda Nação Zumbi e um dos fundadores do movimento mangue.

Ele apareceu certo dia, o ano era 1991, no *Jornal do Commercio* para divulgar uma festa as bandas Loustal e Lamento Negro e mais dois DJs, no Espaço Oásis, em Casa Caiada. E na matéria contava que iria apresentar um som que chamava de mangue. Uma mistura de samba reggae, ritmos pernambucanos e rock e hip hop. Esse foi um dos primeiros registros nacionais sobre o que viria a ser o mangue beat e a revolução que tomaria conta da cena pernambucana.

O potencial de Chico aumentou ainda mais com a proximidade com José Teles. No início, o músico queria fazer algo próximo ao samba reggae. Mas conversando com o jornalista foi apresentado à figura de Josué de Castro, o sociólogo e médico que denunciou a fome no Brasil. O que despertou Chico Science para as questões sociais e até socioecológicas de Pernambuco.

Um programa de rádio aproximou Chico Vulgo, o nome artístico que adotava antes de formar a banda com a Nação Zumbi, de Fred Montenegro, a.k.a. Fred Zeroquatro, nome fundamental do que viria ficar conhecido e entrar para a história como Manguebeat (ou Manguebit, como era escrito nos primórdios). O programa chamava-se *Décadas*. Fred era um dos integrantes da turma que colocava o programa no ar pela Rádio Universitária AM, ao lado de H D Mabuse (José Carlos Arcoverde), Luciana Araújo e Anelene. Chico curtia o programa e terminou conhecendo a turma, anos depois, quando já haviam se mudado para a Transamérica, onde comandavam o New Rock. Ele chegou no estúdio com uns discos de funk e afrobeat para a turma tocar. “A partir daí, pensaram em unir forças para sacudir as estruturas da música pernambucana em voga, que eles não curtiavam e consideravam desconectadas com o que rolava mundo afora”, afirma Marcelo Pereira.

O que aconteceu depois, como todos comentam, foi uma explosão de criatividade e originalidade. Havia um grupo de jovens, em busca de uma cena artística diversa, cansado com a estagnação recifense. Eles tinham inquietações semelhantes, frequentavam os mesmos lugares, ouviam as mesmas músicas, viam mais ou menos os mesmos filmes e eram da mesma geração, que passaram meio que fazer as coisas em conjunto.

“Quando surgiram os primeiros shows da Nação Zumbi, do Mundo Livre S/A, essa galera logo se identificou. Foi a origem de toda a *brodagem* pela qual a cena ficou conhecida. Eram jovens em início de carreira, aspirantes a cineastas, atores, produtores culturais, jornalistas, designers, estilistas, artistas plásticos e gráficos, além, claro, de músicos. A

máxima punk ‘do it yourself’ norteava o espírito colaborativo, movido pela escassez de recursos, principalmente financeiros e materiais”, complementa Pereira.

A partir de 1993, começaram a surgir uma série de festivais, sendo o principal deles o Abril pro Rock, e um movimentação que tomou as ruas do Recife e arredores. Não era um movimento estético – como recorda Marcelo Pereira – era uma cena cultural na qual a presença de Chico foi se firmando, ainda de forma precária, mas já forte e presente.

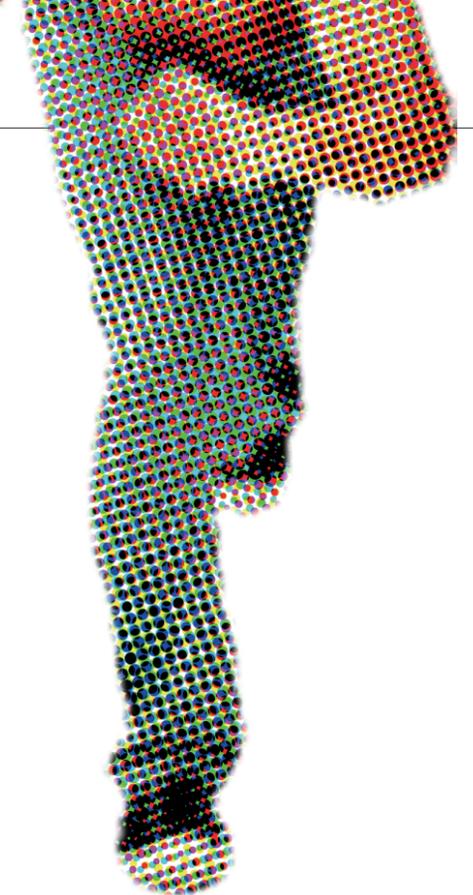
Outras bandas foram surgindo no período. Cavalinho do Cão, Mestre Ambrósio, Jorge Cabeleireira – que fazia uma fusão de rock psicodélico e com temática regional – Banda Eddie, Paulo Francis Vai pro Céu, Devotos do Ódio, Matalanamão, Coração Tribal, entre muitas outras.

“Todo mundo pirou”

E em 1993, a primeira edição do Abril pro Rock se torna uma vitrine musical para várias bandas daqui. Nas edições seguintes, se torna uma referência para artistas e bandas de outros estados.

Nesse turbilhão de mudanças, Chico Science ia amadurecendo e testando suas músicas, ampliando seu repertório sonoro. Alimentando-se desses pequenos shows, mesmo com produções precárias, e festivais. Nesse cenário, ele virou o protagonista, embora Fred Zero Quatro, do Mundo Livre, tivesse uma articulação intelectual maior e tenha escrito o texto-release que depois ficaria conhecido como o *Manifesto do Manguebeat*, que saiu no disco de Chico Science & Nação Zumbi, a primeira banda do movimento a gravar e lançar.

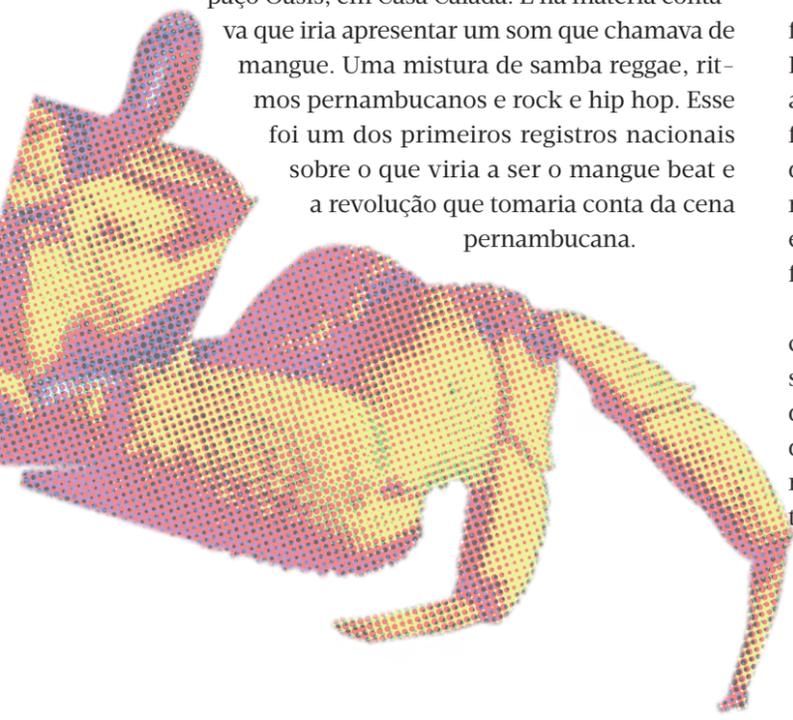
Chico tinha a intuitividade, uma poética, um carisma, que ninguém mais alcançava. Ele se apropriava de elementos da cultura popular como o famoso traje de caboclo de lança de maracatu rural – o cocar, a gola e lança. Inclusive, ele chegou a usar o traje no show do Central Park, em Nova York, ao lado de Gilberto Gil, em 1995. Por essas e outras tornou-se um ícone não só para Pernambuco, mas mundial. Muitas de suas proezas podem ser encontradas no acervo chicoscience.com.br.



Diferentemente da pegada da axé music baiana e do forró eletrônico cearense, que dominavam o mercado, Chico não admitia nem queria entrar na camisa de força da indústria fonográfica. Ele resistiu muito, como a Nação Zumbi, resiste até hoje, a seguir modismos musicais, a fazer parte de um figurino talhado pela gravadora. Ele sempre buscou a autoralidade, acima de tudo.

Pela coluna Rec-Beat, Marcelo Pereira acompanhou de perto a ascensão de Chico. Recorda quando ele (com a Nação Zumbi) e Fred Zero Quatro (com a Mundo Livre S/A) estiveram em São Paulo, apresentando-se no Aeroanta e no programa Fanzine, comandado pelo escritor Marcelo Rubens Paiva. “Todo mundo que estava no auditório pirou. As bandas levaram garrafas de ‘pau do índio’ de Olinda. Foi aquela beberagem. Um dia histórico”.

E foi nessa viagem que Chico foi para o Rio de Janeiro assinar contrato com a Sony Music, que tinha mandado um representante para ver a apresentação da banda no Recife, no bar Som das Águas. “O que foi fundamental para que o cara tivesse certeza de que ali tinha uma banda que poderia fazer diferença no cenário musical brasileiro... Talvez o interesse da Sony fosse achar algo com o potencial de sucesso da axé music baiana. Certeza eles miraram em um alvo e acertaram outro muito



ENTREVISTA

O que há de mais perene na Festa Literária de Pernambuco – Fliporto é o grupo que encena a literatura, em variados gêneros. Sobretudo a poesia.

Sob a liderança do ator, e autor, Carlos Mesquita, a Literatura atua no evento desde quando realizou o

segundo ato, em Porto de Galinhas, há exatos vinte anos. Carlos Mesquita resume, nesta entrevista a revista **Pernambuco**, sua trajetória e o que vem realizando com a Literatrupe, sob o comando da paixão pela cena e a palavra.

Uma trupe apaixonada por literatura

CARLOS MESQUITA

O que é a Literatrupe? Como nasceu e o que realiza em prol da literatura?

Literatrupe, um projeto ousado, Nasce em 2004, na Fliporto, segunda edição. Carlos Mesquita, ator e performer, cria um espaço onde arte e palavra se encontram. Com texto, poesia, cena, música e dança, a Literatrupe explora novas trilhas. Entre teatro e poesia, uma fusão cênica. Uma nova linguagem, em constante evolução. Carlos Mesquita, o visionário, reúne artistas, em um coletivo. Juntos, experimentam e inovam, Criando espetáculos que emocionam. Literatrupe simboliza a união da literatura e da trupe, mostrando que a literatura não tem fronteiras. Hoje, a Literatrupe continua a inspirar e a emocionar, por sua paixão pela arte e pela palavra.

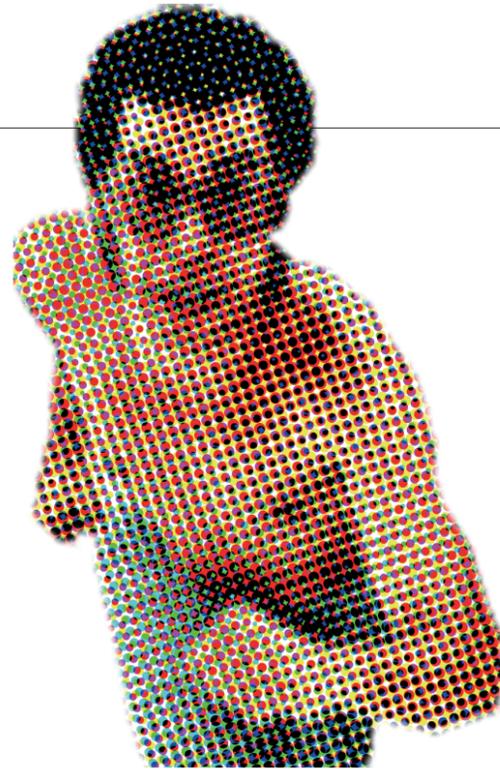
O ator Carlos Mesquita, líder do grupo, que trajetória teve antes de fundar a Literatrupe?

Carlos Mesquita de Oliveira é um ator e diretor teatral brasileiro com uma carreira prolífica e

diversificada. Atuou no Anjo Negro (de Nelson Rodrigues), ainda no início da carreira; depois, *Hamlet Musical Pop* – uma adaptação inovadora da clássica peça de Shakespeare. Houve ainda: *Chapeuzinho Amarelo* – espetáculo infantil clássico, em Frei Caneca, de José Pimentel, e *Diário de um Louco* (de Gogol). Além de ter participado do Avia Brasil, projeto de formação de plateia em escolas, fundou a Literatrupe, com a produtora cultural Mônica Silveira. Certamente, as principais características da minha carreira: têm sido a diversidade de gêneros e estilos teatrais, onde se incluem as adaptações inovadoras de clássicos. Acho também fundamental mencionar o foco em formação de plateia e na educação. Trabalho com projetos sociais e culturais e em colaboração com outros artistas e coletivos.

A Literatrupe tem já um alentado repertório de autores que usa nas suas apresentações. Quais são eles?

“Chico tinha a intuitividade, uma poética, um carisma, que ninguém mais alcançava.”



melhor, musicalmente falando”, conta Marcelo Pereira, que acompanhou a viagem à capital paulista.

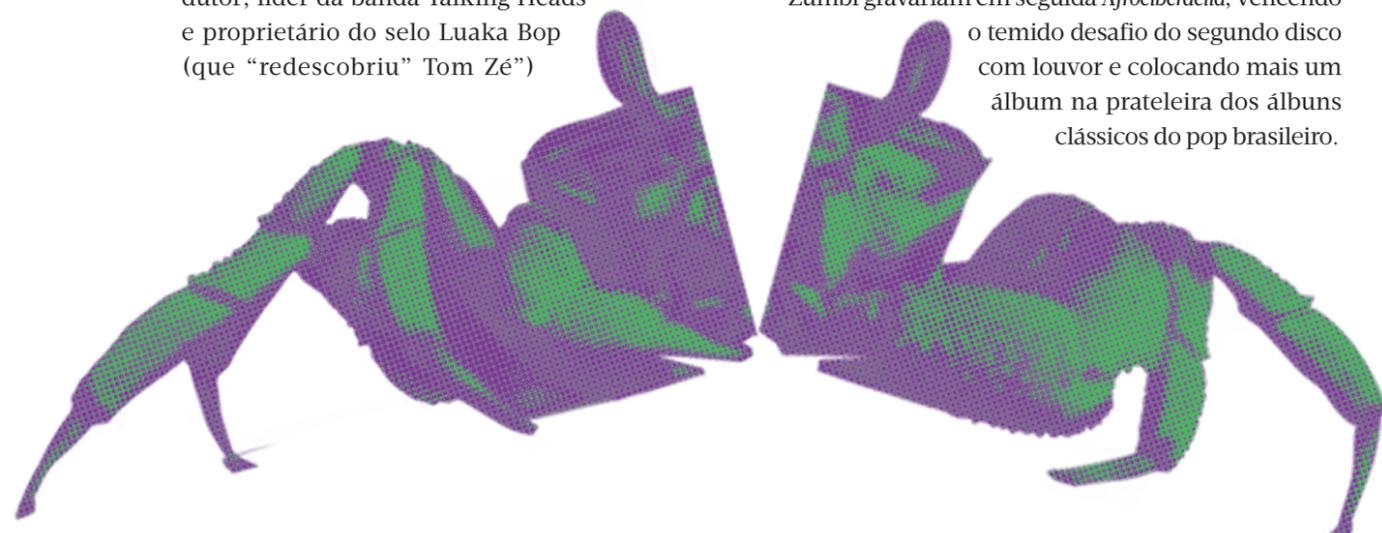
Para gravar a música, a Sony escalou o experiente produtor Liminha. “Não foi uma tarefa fácil. Primeiro, a banda não tinha experiência em gravar em estúdio. Segundo, tecnicamente, era muito complexo gravar as alfaías, que davam o peso do maracatu de uma tonelada da banda. Não ficou exatamente como a banda sonhava, mas até hoje, o disco de estreia *Da lama ao caos* é um dos melhores discos daquela década e daquela geração”, recorda Pereira. “Ele surpreende desde a primeira vez que se ouve. Pela criatividade e originalidade das músicas e pela poética contemporânea de Chico Science, única na música pop brasileira”

O lançamento de *Da lama ao caos* foi em abril de 1994. O impacto do disco foi uma bordoadá na cena musical e reverberou para o Chico Science & Nação Zumbi. Nos Estados Unidos, David Birne, o produtor, líder da banda Talking Heads e proprietário do selo Luaka Bop (que “redescobriu” Tom Zé)

sentiu o impacto lá em Nova York e quis lançar o disco, mas a Sony americana não permitiu.

Com o disco na rua e um show bastante performático, o produtor Paulo André Pires, que, àquela altura, já trabalhava com Chico Science & Nação Zumbi, engrenou a primeira turnê internacional – “From mud to chaos World Tour”, com apresentações no festival Summer Stage, no Central Park, no JVC Jazz Festival, no lendário CBGB, em Nova York, e no Cheetah Club, em Miami, nos Estados Unidos e na Europa em Berlim (sete datas), Suíça (Festival de Montreux), Holanda e Bélgica (Sfinks Festival).

“*Da lama ao caos* é um marco da música brasileira. Tão original, recheado de tantas novas informações que, até os tempos atuais, ainda não foi decodificado plenamente.”, afirmou o jornalista e crítico musical José Teles, que está lançando *Criança de domingo: uma biografia musical de Chico Science* (editora Belas-Letras, 352 páginas). Chico Science & Nação Zumbi gravariam em seguida *Afrociberdelia*, vencendo o temido desafio do segundo disco com louvor e colocando mais um álbum na prateleira dos álbuns clássicos do pop brasileiro.



ENTREVISTA

A Literatrupe se vale da linguagem do teatro de rua para realizar performances que fundem poesia, música e dança ao público

Sobretudo os do Nordeste, como Ascenso Ferreira, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Augusto dos Anjos, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, César Leal, Lêdo Ivo, Ariano Suassuna. Mas também mineiros, como Carlos Drummond de Andrade, o paranaense Paulo Leminski, a paulista Hilda Hilst, o gaúcho Carlos Fernando Abreu. Na outra ponta, mas integrada ao repertório não regional, a poesia lusitana de Luís de Camões, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Florbela Espanca, José Saramago, Sophia de Mello Breyner, António Gomes Leal, Eugénio de Andrade. Faço questão de citar os poetas vivos, nossos contemporâneos, que costumo incluir nas apresentações da Literatrupe: Sílvio Roberto de Oliveira, Mario Helio, Weldson Barros Leal, Adélia Prado, Antonio Carlos Secchin, Chico Buarque. Esses poetas e escritores são mestres da palavra, da rima e do verso, que inspiram e emocionam, que educam e transformam.

Quais os grandes momentos do grupo você destacaria?

Considero a Literatrupe um projeto de sonho, que faz melhor a realidade, ao unir a arte do ator com a do escritor e poeta. Arte e palavra em um só verbo. Nasce em Pernambuco, com alma nordestina, e se espalha pelo Brasil. Na Fliporto, seu berço, se apresenta, com “Momento Literário” e “Hamlet”, em uma nova cantada. Tem uma associação com o Avia Brasil, um

projeto que voa por festivais de teatro do Brasil, levando teatro, música e poesia, para as escolas da rede pública e privada. Em Garanhuns, no Festival de Inverno, representamos *Diário de um Louco* e *Chapeuzinho*, que sempre encantam o povo. Na Flip, em Paraty, também chegamos a mostrar o nosso talento.

Qual o estilo, o método de trabalho do grupo? Como constrói suas apresentações? Pode citar os nomes dos seus integrantes e o papel de cada um?

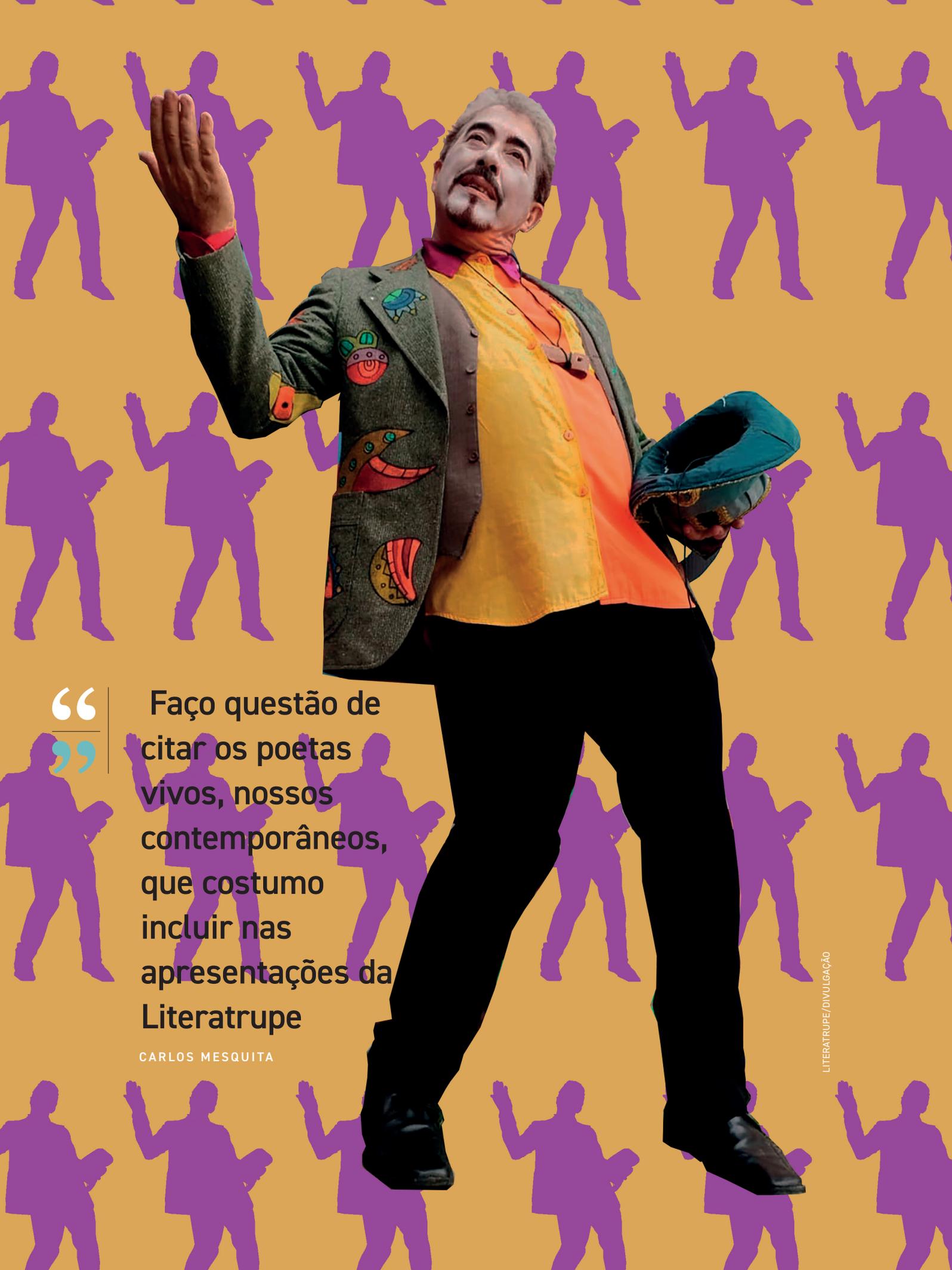
É a Literatrupe uma companhia de artes integradas, com um estilo único, e tendo no seu elenco profissionais como Ceci Medeiros, Aglaia Costa, Male, Marinho Falcão, Washington Machado, Carlos Maurílio. Cada um traz sua diversidade e seu talento singular. O método de criação, que flui como um rio, mistura teatro, música, dança e poesia. Inspirados pela vida, pela história e pelo mito, construindo apresentações, que emocionam e transformam. Ceci Medeiros, com sua voz de ouro, canta a alma da terra, e o coração do povo. Aglaia Costa, com sua dança fluida, traz a graça e a beleza, em cada movimento. Male, com sua palavra poéticas instrumentais. Marinho Falcão, com sua arte ancestral, conecta-nos à terra, e à nossa essência. Carlos Mesquita, com sua direção criativa, une esses e outros elementos. Carlos Maurílio, com sua atuação intensa, traz a paixão e a emoção, em cada cena. Considero a Literatrupe um grupo muito harmonioso.



LITERATRUPE/DIVULGAÇÃO



LITERATRUPE/DIVULGAÇÃO



“ ”

Faço questão de citar os poetas vivos, nossos contemporâneos, que costumo incluir nas apresentações da Literatrupe

CARLOS MESQUITA